



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS

SUZANA SILVA SPÍNDOLA DE ATAÍDES

**MODOS DE VIVER: AS PRÁTICAS E OS SABERES DA GENTE RIBEIRINHA DO
ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA, ARAGOMINAS - TO**

Araguaína/TO

2024

SUZANA SILVA SPÍNDOLA DE ATAÍDES

**MODOS DE VIVER: AS PRÁTICAS E OS SABERES DA GENTE RIBEIRINHA DO
ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA, ARAGOMINAS - TO**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Euclídes Atunes de Medeiros

Coordenador: Prof. Dr. Luciano Galdino da Silva

Araguaína/TO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A862m ATAÍDES, Suzana Silva Spíndola de.

Modos de viver: as práticas e os saberes da gente ribeirinha do assentamento Vitória Régia, Aragominas - TO / Suzana Silva Spíndola de ATAÍDES. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024.
35 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em História) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Atunes de Medeiros.

1. Economia Moral. 2. Memória . 3. História Oral.

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUZANA SILVA SPÍNDOLA DE ATAÍDES

**MODOS DE VIVER: AS PRÁTICAS E OS SABERES DA GENTE RIBEIRINHA DO
ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA, ARAGOMINAS - TO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Norte do Tocantins, campus de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do grau de graduado.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Antunes de Medeiros

Data de Aprovação: 11/12/2024

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Euclides Atunes de Medeiros

Prof. (a) Dr. (a) Olívia Macedo Miranda de Medeiros

Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério

Araguaína/TO

2024

À Vitória Régia.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todos os moradores do assentamento Vitória Régia, incluindo meus pais que sempre me incentivaram a pesquisar e me apoiaram durante toda a graduação. Obrigada seu Agenor e Dona Marcília.

À minha vózinha querida, Dona Socorro, e ao meu avô, Alair. Ao meu irmão, Neto e à minha madrinha Presilina, que sempre foram grandes inspirações em minha vida.

Agradeço também às minhas irmãs de coração, Amanda e Karolaine. Obrigada por sempre estarem presentes, tanto nos momentos bons, quanto nos perrengues. Espero ainda estar ao lado de vocês por muitos e muitos anos. Meus agradecimentos ao meu orientador, professor Antunes e à professora Olívia, vocês além de serem ótimos educadores, tornaram-se grandes amigos. E é claro, não poderia deixar de mencionar, o Centro de Documentação Histórica (CDH), que se tornou um lar dentro da Universidade.

RESUMO

Este estudo objetivou a troca dialógica com uma comunidade ribeirinha do norte do Tocantins. O assentamento Vitória Régia fica localizado às margens do Rio Araguaia e se caracteriza pela presença de um modo de viver específico apoiado em uma economia moral, nos moldes, guardadas as devidas especificidades, no que concerne a tempo e espaço, problematizado por Thompson, 1998. Utilizamos a História Oral como base para nossa metodologia, além de uma abordagem exploratória, que consiste em um trabalho de investigação na região escolhida, associada à Pesquisa Participante. Dessa forma, uma cultura e um modo de viver específico são identificados pelo compartilhamento de um mapa conceitual semelhante entre os sujeitos que vivenciam suas experiências a partir de valores compartilhados, atribuindo sentido a sua realidade. Assim também, a memória e a oralidade atuam cotidianamente nesse processo, produzindo uma discussão sobre a socialização dos saberes que ocorre nos variados espaços que são compartilhados pelas pessoas da comunidade, utilizando recursos da memória individual e coletiva.

Palavras-chave: Economia Moral, Modos de viver, Memória, História Oral, Ribeirinhos, Saberes tradicionais.

ABSTRACT

This study aimed at dialogical exchange with a riverside community in the north of Tocantins. The Vitória Régia settlement is located on the banks of the Araguaia River and is characterized by the presence of a specific way of living supported by a moral economy, along the lines, with due specificities, regarding time and space, problematized by Thompson, 1998. We use Oral History as the basis for our methodology, in addition to an exploratory approach, which consists of research work in the chosen region, associated with Participant Research. In this way, a specific culture and way of living are identified by the sharing of a similar conceptual map among subjects who live their experiences based on shared values, attributing meaning to their reality. Likewise, memory and orality act daily in this process, producing a discussion about the socialization of knowledge that occurs in the various spaces that are shared by people in the community, using resources from individual and collective memory.

Keywords: Moral Economy, Ways of living, Memory, Oral History, Riverine people, Traditional knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Rio Araguaia	21
Figura 2 - Descascando farinha.....	22
Figura 3 - Descascando farinha (2).....	22
Figura 4 - Torrando farinha.....	23
Figura 5 - Torrando farinha (2).....	23
Figura 6 - Placa de “vende-se”.....	24
Figura 7 - Tanque de leite.....	24
Figura 8 - Campeonato de futebol.....	25
Figura 9 - Celebração da igreja.....	26
Figura 10 - Celebração da Igreja (2).....	26
Figura 11 - Projeto “Bacia Leiteira”	33
Figura 12 - Projeto “Bacia Leiteira” (2).....	33
Figura 13 - Projeto “Bacia Leiteira” (3)	33
Figura 14 - Projeto “Bacia Leiteira” (4).....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. MEMÓRIA E A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS.....	11
3. ECONOMIA MORAL E OS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE ENTRE MORADORES DO ASSENTAMENTO.....	19
3.1. IDENTIDADE RIBEIRINHA.....	27
4. CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E SUA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FORMAL DO ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6. REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

Seguindo as estradas de cascalho batido até às margens do Araguaia, encontraremos uma comunidade que nos apresentará seus modos de viver. Todos que chegam até lá são recebidos com calorosas boas vindas e muito entusiasmo pelos moradores, além dos inúmeros convites de retornar durante a temporada de praias. O Assentamento Vitória Régia (Aragominas - TO) está a 140 km de distância de Araguaína - TO e é formado por diversas famílias que vivem do trabalho no campo, da pesca, da venda em pequenos comércios e da produção de farinha. O que o torna singular em relação às demais comunidades são as suas relações de sociabilidade que respaldam todo um modo de viver característico das pessoas daquela região.

São diversos os grupos de moradores que residem nessa área. Dentro do assentamento encontramos comunidades de pescadores e de vários outros produtores, como as famílias que trabalham com a produção de leite, farinha e polpas de frutas. Apesar disso, uma das principais características dessa comunidade são as relações dinâmicas entre os sujeitos do local. Partindo disso, esse trabalho tenta compreender como os saberes entrelaçados são construídos e repassados por meio da herança familiar e da memória. Dessa forma, em nosso primeiro tópico de discussão, dialogamos com o conceito de memória individual e coletiva a partir dos estudos de Halbwachs, 1990. Buscando analisar as falas dos moradores e identificar algumas das práticas que caracterizam os seus modos de viver.

Em outro tópico, discutimos alguns dos processos de sociabilidade dos sujeitos do assentamento. Identificamos a presença de uma economia moral dentro do assentamento por meio da análise dos padrões de comportamento dos sujeitos dentro da comunidade. Tudo isso partindo da noção de experiência formulada também por E. P. Thompson (1981), Para quem,

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo - não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Essa noção nos serve tanto para compreender a demarcação e a construção das identidades, quanto para a formação de uma cultura específica. Para o mesmo, cultura vai além dos significados e valores atribuídos, mas está “dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho de exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismo e da deferência” (THOMPSON, 1998). Ou seja, para Thompson, é necessário situar a cultura “no lugar material que lhe corresponde” para que possamos compreender suas representações.

Empregamos a categoria de análise Economia Moral discutida por Thompson, 1998. Essa economia refere-se a um contrato não escrito, firmado entre os sujeitos de um grupo. A partir dela são formuladas novas normas sociais e econômicas, que giram em torno de uma moral coletiva. Essa moral não corresponde, necessariamente, a uma moral cristã, mas a algo que foi construído a partir da convivência social, baseando-se em normas e valores compartilhados. Por conseguinte, surge uma economia local específica, diferente do padrão hegemônico, voltada, muitas vezes, para o padrão de subsistência e formulada a partir do diálogo e da construção de significado entre os integrantes do grupo. Dessa forma, a economia moral não reflete apenas a um conjunto de normas e contratos moralmente construídos, mas também uma resistência em relação ao padrão econômico vigente. Vale lembrar que uma resistência vai muito além de uma rebelião, com isso, ao colocar seus anseios a frente, os moradores da Vitória Régia acabam promovendo a valorização de suas próprias práticas e costumes.

Por último, retornamos à discussão de memória e transmissão de conhecimentos, relacionando-os com os processos educacionais institucionalizados, com a intenção de incluir os saberes tradicionais dos moradores na educação formal do assentamento. Para alcançar nossos objetivos ouvimos os relatos orais de nove moradores do Assentamento. Eles são: Dona Helena e Seu João, casal de pescadores que também possuem um comércio, sendo a Dona Helena uma produtora de polpas de fruta; Dinha, pescadora; João Leite, presidente da Associação do assentamento; Dona Paixão, produtora de farinha e de polpas de fruta; Hosana, Secretária da Colônia de Pescadores; Seu Dedé, presidente da Associação de Pescadores; Seu Agenor, produtor de leite e Dona Marcília, professora da educação básica na Escola Estadual José Domingos.

Utilizamos a História Oral como base para nossa metodologia, além de uma abordagem exploratória, que consiste em um trabalho de investigação na região escolhida, associada à Pesquisa Participante. A História Oral gira em torno da produção de fontes orais a partir da troca dialógica entre o pesquisador e o narrador em uma entrevista. Esta, segundo Alessandro Portelli (2016), gera narrativas individuais que necessitam, assim como as demais fontes, de uma análise crítica, onde se busca confirmar seu uso e seu nível de viabilidade. Dito isso, utilizaremos de forma prática o Método da História de Vida, onde o narrador entrevistado terá total liberdade de fala ao narrar suas experiências. Tal prática permite que o narrador se sinta à vontade para comentar aquilo que, mais tarde, se mostrará significativo à análise do pesquisador. Dessa forma, partindo da concepção de PERAZZO (2015, p. 123):

Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo.

Em conjunto com a História Oral, utilizaremos também a Pesquisa Participante, buscando construir uma interação com as famílias ribeirinhas do Assentamento Vitória Régia, visando o compartilhamento de saberes e que se faça interagir o conhecimento acadêmico com os saberes tradicionais. Desse modo, os sujeitos da pesquisa passam a colaborar de maneira ativa na investigação, tornando-a um trabalho de colaboração onde, segundo BRANDÃO (2006):

[...] (eu) devo criar com ele e em seu nome (bem mais do que no meu) um contexto de trabalho ao ser partilhado em pleno sentido, como processo de construção do saber e como produto de saber conhecido e posto em prática através de ações sociais de que ele é (ou deveria ser) o protagonista e, eu sou (ou deveria ser) o ator coadjuvante.

Os moradores do Assentamento Vitória Régia possuem uma cultura e um modo de viver específico, isso é identificado pelo compartilhamento de um mapa conceitual semelhante entre os sujeitos que vivenciam suas experiências a partir de valores compartilhados, atribuindo sentido a sua realidade por meio da representação. Esse processo acontece em vários contextos, sejam eles educacionais, sociais, políticos, econômicos ou religiosos.

2. - MEMÓRIA E A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

Seu Agenor mora há dezoito anos no assentamento. A sua principal fonte de renda consiste na criação de vacas leiteiras e na venda de leite. Ele mora com sua esposa Marcília, que também foi uma de nossas entrevistadas, e teve dois filhos, que não moram mais com eles. Ao lembrar de sua infância, ele recorda dos momentos que passou afastado do pai. Nos contou que após o início dos estudos foi preciso mudar-se para a cidade, mas seu pai continuou na terra em que eles viviam:

Aí minha mãe passou a ficar na cidade com nós e ele continuou na roça sozinho, trabalhando. Sustentava a família. Ele tirava leite, fazia queijo e sustentava nós lá assim, né? (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023).

O relacionamento do seu pai com a terra sempre foi motivo de orgulho. Para ele, seu pai foi um homem corajoso que trabalhou firme para sustentar os filhos e a esposa. Há também um pequeno sentimento de culpa por tê-lo abandonado e por não tê-lo ajudado como deveria. A partir disso, ele relata as visitas que eram feitas durante as férias na roça do pai:

[...] aí a gente só vinha mês de julho e mês de dezembro, que lá era longe, era da fazenda... era setenta e dois quilômetro de distância e as estrada ruim, né? Hoje já tá bom, mas naquele tempo era muito ruim. (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023).

Durante essas visitas ele aproveitava para ajudar seu pai nos afazeres da roça. E mesmo quando estava na cidade estudando, ele conta que trabalhava em um comércio de meio período:

Então a gente trabalhava, sempre trabalhava meio período e estudava meio período, né? Naquela época era assim. Mas, era muito bom demais. Aí sentia falta do pai, que o pai ficava longe, distante da gente, né? (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023).

Ao lembrar as viagens que eram feitas até a chácara, seu Agenor evoca a dificuldade que se enfrentava ao percorrer as estradas de chão. Em outro momento ele acrescenta: “Naquela época era assim. Mas, era muito bom demais”. Há um conflito em relação aos sentimentos sobre esse período de sua infância. Apesar de todas as dificuldades, ele ainda guarda lembranças de uma época boa em que ele ajudava seu pai na roça, brincava de jogar bola e vivia com seus irmãos. Em um primeiro instante é evocada uma lembrança sofrida, que remete a um passado trabalhoso da vida na roça. Em seguida, ele indica que apesar das dificuldades, foi uma época boa. Isso ocorre pela carga sentimental que é posta sobre essas lembranças e pela nostalgia que se tem da infância. Veremos em outras falas que ele não aborda todos os períodos de sua vida da mesma forma saudosa como fala da época em que era criança, mas utiliza de outros elementos para descrever as adversidades que ocorriam em seu cotidiano.

Halbwachs nos diz que por meio da memória individual são evocadas lembranças que conservam apenas fragmentos das condições originais. Segundo ele, as pessoas se perdem em alguns elementos de suas lembranças e conservam algumas partes na memória (HALBWACHS, 1990). É dessa forma que muitas de nossas lembranças são resgatadas, mas nenhuma compõe uma descrição fielmente precisa. Isso inclui lembrar alguns aspectos da infância que foram muito marcantes de uma forma nostálgica, apesar das dificuldades e problemas enfrentados e que ainda são descritos pelo narrador.

Parte dessa relação que seu Agenor apresenta com o trabalho e com a terra veio da convivência com seu pai. Isso explica o motivo dele valorizar tanto o serviço braçal. É algo que já está inserido em seus valores sociais e que lhe foi ensinado desde a infância. Consequentemente, ele também legitima seus princípios ensinando-os para seu filho:

O meu filho hoje tá lá achando bom. Ele também não era muito gostador de estudar, né? Mas, aprendeu, né? Mas aí... não é todos pais que às vezes falou: “não, meu filho, eu vou te ensinar o cê”. Porque, talvez assim, o que eu aprendi com meu pai...

Meu pai dizia assim, oh: “eu vou ensinar o cê a trabalhar aqui na roça” Porquê? o que que ele dizia: “A pessoa que trabalhar na roça, a pessoa que viveu na roça, que aprendeu a trabalhar na roça, no duro, na enxada, na foíce, em tudo, qualquer outro serviço que aparecer pra ele, é moleza!”. Entendeu? Então, quando cê aprende isso aí, mesmo que o cê não for ficar, cê tem que aprender. (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023).

Em todo momento o seu Agenor vai nos dizer que é importante um pai ensinar o seu filho a trabalhar na terra, porque isso vai prepará-lo para que ele consiga trabalhar em qualquer outra coisa. Também, em muitos momentos, ele reforça a importância dos jovens possuírem um conhecimento técnico da área. Isso pode ser considerado uma influência dos anos em que ele se formou como Técnico Agrícola em uma escola profissionalizante. Ele afirma: “o conhecimento do pai é porque ele te ensina a trabalhar, cê vai ter a coragem de encarar...”. E depois complementa: “E a da escola cê vai ter o conhecimento técnico que o pai não passou pra você, então cê tem... vai juntar as duas coisas”.

Quando o seu Agenor evoca lembranças sobre seu pai, logo lhe vem na memória elementos desse “valor pelo trabalho”. Isso ocorre porque ele está inserido em um ambiente rural, semelhante ao tempo em que ele vivia com seu pai. Além disso, ele guardou grande parte dos ensinamentos acerca do serviço no campo, o que faz com que esses aprendizados se repitam diariamente. Já em relação ao conhecimento técnico, ele é sempre citado quando o seu Agenor relembra dos seus anos de estudos. Ou seja, ele evoca lembranças de uma época em que a educação formal estava sempre inserida em seu meio social. Com isso, aponta-se que a consciência individual de uma pessoa é provida de elementos e pensamentos resultantes dos vários ambientes já visitados no passado (HALBWACHS, 1990).

Há uma união entre esses dois conhecimentos e isso interfere também na relação entre o seu Agenor e os demais moradores do assentamento:

Então, igual eu falo assim: por isso que eu tento repassar o que eu sei, né? Aí, igual cê viu aqui, tudo que eu sei, eu tento passar. Eu sei castrar boi, tem um colega ali: “vem cá, eu vou ensinar o cê”. Né? Eu sei fazer discorda, a mochação, que faz parte, muitos eu já ensinei aí fazer, “cê vem cá”, “oh, faz assim”, né? Então eu gosto de ensinar a pessoa. Então, eles me procura muito... eu gosto de ensinar, eu gosto de passar o que eu sei... É interessante que eles aprenda também né? (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023).

Ele destaca parte de seus conhecimentos relacionados ao meio rural, que foram adquiridos ao longo dos anos e também por meio da sua formação escolar. Há também essa forte relação de troca e parceria com seus vizinhos, indicando a presença de uma convivência social, baseada em normas e valores sociais compartilhados. Nesse caso, o valor do “trabalho duro”. Compreende-se, dessa forma, a construção de uma Economia Moral, como será discutido no tópico adiante.

Em outro momento, o seu Agenor descreve as diferenças entre a época em que ele chegou à Vitória Régia e o momento atual. Percebe-se que ele utiliza elementos de sua memória para comparar com os dias atuais. Diferente da forma como ele retrata sua infância nas falas anteriores, aqui ele consegue descrever com mais facilidade os desafios de se trabalhar na terra durante aquele período. Isso ocorre por que dessa vez não há tanto um sentimento de saudade como da época em que ele morava com seus pais ainda criança:

Naquela época era custoso, era tudo manual, tudo, né? Tirava leite dentro da lama, não tinha uma barracão, não tinha nada. Tudo era capinando na enxada, na foice. Hoje tem uma roçadeirainha, hoje tem um moto serra pra fazer uma coisinha, né? Cê tem uma ordenha pra tirar um leite, só que tem o custo. Né? (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023).

Há também, mais uma vez, uma referência aos conhecimentos técnicos e uma valorização da tecnologia que facilita o serviço no meio agrícola. Mas nunca há um desprendimento de seus antigos valores, pois, em outro momento, ele volta a citar o seu desejo de trabalhar na terra, apesar das dificuldades: “Porque eu nunca entrei aqui pra pegar terra e vender, ou... o intuito meu, toda vida, foi produzir, viver da terra mermo, né? Viver daqui e trabalhar aqui”. Outra fala que exemplifica essa valorização da terra e do que é produzido nela corresponde ao momento em que ele comenta do leite, sua principal fonte de renda: “A gente... igual eu falei assim: o meu produto é o leite, do leite eu faço a minha compra, né? Que é o meu mensal é o leite. Então é o leite que... do leite, do dinheiro do leite que eu faço a minha compra”.

Dessa forma, são identificados vários momentos em que o seu Agenor relaciona três períodos de sua vida por meio da memória. O primeiro corresponde ao momento de sua infância, onde ele recorda algumas lembranças com seu pai na roça e quando ele começa a valorizar o “trabalho duro”. Conseqüentemente, essas lembranças são associadas ao seu presente, pois ele acaba comparando o modo como seu pai vivia (e ainda vive) com o seu modo de trabalhar na terra:

Meu pai num dá! Ele ainda é naquele sistemão bruto, né? Eu já não, eu já olhei mais pra “não, bora caçar um trator”, “não, vamo caçar uma coisa que uma técnica que facilita mais, né?”, “vamo melhorar o gado pra nós usar menas vacas e tirar mais leite, né?”. É umas coisas assim que a técnica vai te ajudando. Mas cê tem que ter a coragem também, que não tiver também, não vai dar em nada. (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023).

Por meio dessa fala também identificamos mais um contexto vivido que foi relacionado às demais lembranças: a sua formação técnica. Ele conecta elementos dos vários meios em que percorreu ao mesmo tempo em que os relaciona com seu presente. Portelli ao

dialogar sobre narrativa afirma que a oralidade, utilizando elementos da memória, não corresponde a algo finalizado, mas em um “discurso dialógico em processo” (PORTELLI, 2016). Ou seja, seu Agenor processa as informações contidas em sua memória, ao mesmo tempo em que utiliza elementos do seu contexto atual para organizá-las, fazendo com que elas estejam sempre em formação.

Ao entrevistarmos outra moradora, identificamos em suas falas algo que se comunica com os dizeres do seu Agenor sobre sua chegada à Vitória Régia. Dona Helena mora há 24 anos no assentamento. Foi uma das primeiras ocupantes. Chegou pelo rio Araguaia, vinda da região de Boa Vista, Pará. Ao ser questionada sobre como foram os primeiros anos de moradia dentro do assentamento, Dona Helena narra:

Aí aqui também a gente sofreu muito no... assim, quando a gente chegou. O meu pai mandava comida pra gente, minha cunhada, irmã dele, trabalhava, ganhava um salarinho. Naquele tempo salário era cento e pouco, mas era dinheiro muito, né? naquele tempo? E... a mãe dele [aponta para seu esposo], quando eu dava fé, o motorzinho parava, aí gritava e a gente ia, o saco cheio de coisa pra gente comer. Era muito dificultoso, tinha vez que a gente só comia arroz com feijão, aí com melancia, outra vez comia arroz com feijão e pipina, abróbra, essas coisas assim, era muito difícil. Carne de gado, Ave Maria! Que aqui não matava, aqui não tinha supermercado, não tinha nada. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

Ela conta que havia uma dificuldade em viver dentro da terra e precisava da ajuda de parentes para lhes trazer alimentos. Seu Agenor também comentou sobre algumas adversidades de se trabalhar na roça no momento de sua chegada, como já citamos. Mas, diferente de Dona Helena, ele não entrou no início da ocupação. Na verdade, ele chegou depois, quando as terras já estavam quase todas divididas e os primeiros moradores já estavam instalados. No entanto, isso ainda revela um sentimento compartilhado entre as pessoas do assentamento sobre como foram anos difíceis àqueles relacionados ao momento de suas chegadas. Outro relato de dona Helena refere-se ao medo que eles tinham no início:

Aí a gente veio pra cá e era no escondidinho. E aí com medo de pistoleiro, que aqui tinha. O pessoal dizia que aqui não tinha, tinha sim! Eu já fui é... já vim aqui na vila, ali quando era a sede era uma retiro, porque a sede mesmo era em Reunidas¹. É... eu com quinze anos dancei festa lá. E quando nós chegemo lá, quando deu fé, aquela toyota, cê sabe o que é toyota, né? Toyota veio cheia de pistoleiro, aqueles homi tudo com revólver de lado, tudo botando pra nós dançar, nós dancemo mais eles, aquela coisa, e eles conversando, aí eu chamei o rapaz pra ir com a gente e pedi pra nós ir embora, ai nós fomo embora. Um homi assim, mais ou menos, a sua idade, que vinha acompanhando com nós, do outro lado, né? Maize, aqui foi muito perigoso pra nós, quando nós entremo, foi a gente invadindo mesmo como cê quis dizer. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

¹ Assentamento vizinho à Vitória Régia, também faz parte do município de Aragominas - TO.

Isso é algo corriqueiro entre as pessoas da região, muitos falam sobre como a Vitória Régia era considerada um local perigoso. Há também, entre os moradores de assentamentos vizinhos, uma desconfiança em relação à Vitória Régia. Dona Helena, em outro momento, continua:

Eu... o ti disse que uma vez saiu daqui é... passou quase uns cinco dia pra poder chegar em Santa Fé, porque era muito longe de a pé, e eles não deixaram... “se tu quer ir embora, tu vai”. Um dos parceleiro dele disse: “tu toma cuidado que esse cabas vão mandar te matar” e ele sempre caminhando por dentro do mato, naquele tempo. Pra poder ver se escapava. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

Trata-se de situações vivenciadas por ela, mas também contadas por seu tio. Da mesma forma, muitos que consideram a Vitória Régia um local perigoso ouviram de algum conhecido e passaram a temer a região. Halbwachs, ao discorrer sobre memória individual e memória coletiva, diz que o funcionamento de uma não é possível sem o relacionamento com a outra, pois os instrumentos utilizados para evocar uma lembrança, como as palavras e as ideias, não foram, de forma alguma, inventados, mas tomados emprestados do ambiente (HALBWACHS, 1990). Ou seja grande parte desse temor em relação ao assentamento é referente aos relatos individuais que foram compartilhados entre os moradores. Essa característica específica da região foi naturalizada entre seus vizinhos, que evocam à memória coletiva lembranças de uma Vitória Régia de pistoleiros, de violência e medo. Apesar desse contexto não ser recorrente na atualidade.

Em um momento anterior à fala sobre seu tio, Dona Helena nos diz:

É... e assim, naquele tempo, muitas pessoas biata, a gente rezando, pedindo a Deus e aqui graças a Deuso, aqui não teve tiroteio, aqui não teve essas coisa não, foi logo, foi a gente ficou tranquilo, cada qual em seu lugar. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023).

Ou seja, no instante em que ela descreve o sentimento de medo que era vivenciado na região durante aquele momento, ela já complementa dizendo: “aqui não teve tiroteio, aqui não teve essas coisas não...”. Havia o medo, a preocupação de algo acontecer, mas nunca houve um confronto direto. Mesmo assim, ficou preservado na memória coletiva das pessoas esse mesmo medo e essa mesma preocupação de se envolver com as pessoas da Vitória Régia ou com a região em si, porque lá é um “lugar perigoso”. A fala de Dona Helena, como dito acima, expõe o relacionamento entre memória individual e memória coletiva. Ela usa elementos de uma para legitimar a outra quando relata um episódio vivenciado por ela e em seguida narra os sentimentos de medo experimentado por terceiros. Ao mesmo tempo, ela precisa reproduzir essas narrativas, construídas a partir da memória coletiva, para justificar seu próprio medo, que está justaposto em suas lembranças.

Nessa mesma fala, ao referir-se às pessoas como “biata”, uma gente rezadeira e que estava sempre “pedindo a Deus”, identificamos a presença de uma forte religiosidade Católica desde o início da formação do assentamento. Isso será mais abordado quando discutirmos sobre os processos de sociabilidade, que foram muito influenciados pela relação dos moradores com a Igreja Católica.

Dona Helena, como já foi citado, morava na região da Boa Vista - PA antes de chegar ao assentamento, mas é natural dos Pilões de Araguaína. Ela nos contou que aprendeu a ler por meio de romances, que seu pai colocava ela e seus irmãos para soletrar as letras e só assim eles conseguiam praticar. Quando ela e sua família se mudaram para o Pará, a escola da região ficava muito longe de sua casa, o que dificultava o acesso. Ela também descreve os momentos em que trabalhava na terra do pai, porque todos tinham que ajudar com os afazeres da roça:

Era... nós, eu quebrava coco. Quebrei muito coco, papai dizia assim “oia...”, era eu e meu irmão, ele dizia bem assim: “Oia você tem de ir pra quebrar os cocos, trazer uma lata de coco, vocês dois”. E nós dava o que desse, tinha que trazer aquela lata de coco. E ele uma lata de coco e outra irmã minha uma lata de coco, então três lata de coco por dia. Nós tinha de quebrar os coco. Aí quando era pra pegar feijão, fava, foi o tempo de gajobá, não sei se você conheceu roça? Gajobá, que fala, é ajuntar o arroz pra poder bater na banca. Aí a gente ajuntava aquele arroz pra poder bater na banca. É... ele botava nós pra fazer isso também, mas aquilo ali era animação que jovem você sabe, né? E aí o trabalho nosso era esse. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023).

Tanto ela, quanto o seu Agenor, tiveram uma infância na zona rural, de muito trabalho e dificuldades, mas ambos relembram com alegria esses momentos, uma época em que eles viviam com seus familiares quando crianças e eram felizes, mesmo com as complicações da vida no campo. Há também, dentro das falas de Dona Helena, um diálogo entre a educação formal que ela teve e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida e não foram institucionalizados. Mais sobre esse assunto também será abordado nos tópicos adiante, por enquanto basta compreendermos o papel da memória e da oralidade na construção e troca desses conhecimentos.

Dona Helena foi criada pelo seu pai e sempre esteve rodeada de irmãos. Uma das coisas que ela insistia em mencionar, e que também aparece na fala do seu Agenor, é sobre a valorização do trabalho duro. Algo que veio de muitos anos, repassado pelo seu pai e seus familiares. Dona Helena comenta:

Não tem nenhum a se dizer assim é... é bandido, é isso, ta compreendendo? que não queria saber de trabalhar, nós tudo trabalhemo de responsabilidade. Qualquer um dos meu irmão você pode entregar ouro em pó e isso eu... pode dizer assim, não tem o dizer assim: “eu meto a mão no fogo por aquele”?, pois eu digo assim. Porque foi uma criação muito rígida, mas eu agradeço. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

Ela volta a citar sua criação, que foi “muito rígida”, mas que agradece por todos os ensinamentos do pai. Ou seja, partes desses aprendizados serviram para moldar o entendimento e a forma de agir de dona Helena sobre o mundo. É por meio de suas experiências vivenciadas, seja na infância ou na vida adulta, que ela concebe sentido à sua realidade e acaba por reproduzir valores (THOMPSON, 1981). Nesse caso, é o trabalho duro representando a dignidade do homem do campo. Quanto mais a pessoa trabalha, mais ela é honrada. Para Thompson, esses valores e normas morais não são “pensados”, mas vividos e aprendidos, seja na família, trabalho ou comunidade em que se reside (THOMPSON 1981).

Dona Helena narra alguns dos ensinamentos que foram transmitidos pelo seu pai e em como ela ainda os reproduz. Muitos deles estão ligados à terra e ao rio, mas também, como foi demonstrado, são imbuídos de valores há muitos anos transmitidos. De acordo com CUNHA (2007), esses conhecimentos locais costumam ser chamados de saberes ecológicos tradicionais e possuem seu valor epistemológico assim como os saberes científicos. De fato, são heterogêneos, mas o vigor de cada um está justamente nessas diferenças. Esses saberes tradicionais, usualmente, fazem parte da educação informal citada por Maria da Glória Gohn, para quem:

A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento. Trata-se do processo de socialização dos indivíduos” (GOHN, 2006).

Nesse sentido, a memória e a oralidade atuam cotidianamente nesse “processo de socialização dos indivíduos”, pois são inseridas em uma contexto e estão sempre em constante transformação, como já foi discutido. Ou seja, a socialização desses saberes ocorre nos variados espaços que são compartilhados pelas pessoas da comunidade, utilizando recursos da memória individual e coletiva.

Tanto a Dona Helena, como o Seu Agenor, apresentaram elementos que relacionam os conhecimentos formais e institucionalizados, com os conhecimentos tradicionais. Isso, em vez de ser uma problemática, passa a ser uma nova forma de conectar esses saberes, pois ambos são necessários para o processo educacional, tanto dos mais jovens, quanto dos demais. No tópico adiante discutiremos sobre os processos de socialização dos sujeitos da comunidade ribeirinha Vitória Régia e voltaremos a falar sobre os sistemas educacionais que são partilhados dentro do assentamento.

3. - ECONOMIA MORAL E OS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE ENTRE OS MORADORES DO ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA

No comecinho da manhã, quando as vacas estão presas no curral e o barulho da ordenha já envolveu o ambiente, é nessa hora que os vizinhos chegam na casa do Seu Agenor. O barulho na estrada indica que alguém vem chegando para comprar um litro de leite, ou talvez seja o vendedor de biscoitos que aparece quase todas as manhãs. Quando a tarefa do leite é finalizada, é hora de tomar café, e todos sabem que a casa inteira acordou. Talvez chegue alguém para conversar sobre a troca de um gado, ou para resolver algum problema da coordenação da igreja, ou que só queira bater um papo antes de iniciar o longo dia de trabalho na roça. São manhãs assim que caracterizam o cotidiano da comunidade, processos sociais que representam um modo de viver específico dessas pessoas, voltados para uma relação de amizade, troca de valores e confiança mútua. Nesse tópico analisaremos alguns dos processos de sociabilidade dessa comunidade ribeirinha e como as pessoas constroem uma consciência afetiva e moral a partir de suas vivências e experiências compartilhadas (THOMPSON, 1981).

Quando falamos de experiência, estamos levantando as inúmeras situações vivenciadas no dia a dia desses moradores. As pessoas lidam com essas experiências de uma forma consciente, atribuindo sentido e [re]construindo normas e valores sociais (THOMPSON, 1981). Quando um pescador convida seu vizinho para pescar ao entardecer e juntos eles constroem uma relação contratual, onde um leva a rede de pesca e o outro a canoa, eles estão agindo a partir de valores morais, de uma confiança entre ambas as partes, mas acima de tudo, de uma relação de amizade. É importante dizer que isso não acontece apenas por eles serem próximos, o que não deixa de ser relevante, mas também porque trata-se de uma troca de favores. O vizinho sabe que uma hora ele também precisará de algum serviço. No entanto, o crucial ainda são os valores morais, que representam a proximidade, o apoio mútuo e o desejo de ajudar o próximo. Essa troca está relacionada à construção de uma Economia Moral dentro do assentamento. Essa economia refere-se a um contrato não escrito, firmado entre os sujeitos de um grupo. A partir dela, são formuladas novas normas sociais e econômicas, que giram em torno de uma moral coletiva (THOMPSON, 1998).

O Assentamento Vitória Régia se encontra entre dois rios, sendo eles o Rio Araguaia e o Rio Murici. Algo que é comum entre as primeiras pessoas que chegaram ao assentamento é a sua vinda pelo rio, muitos viviam no Pará ou vieram de cidades ribeirinhas do Tocantins, como Araguaã e Xambioá. Com essa movimentação, muitas famílias e grupos

de amigos se reuniram para construir suas casas às margens do rio. Dona Helena, mencionada no capítulo anterior, foi uma dessas viajantes. Pescadora, comerciante, dona de um dos bares mais conhecidos da Vitória Régia, ela vive com seu marido, sua filha e suas duas netas às margens do Araguaia. Ao lembrar sua infância, ela narra:

A minha infância foi em Boa Vista, Pará. E a gente morava é... nos pilões de Araguaína, há dezoito quilômetro. Aí a gente veio pro Pará, pra Boa Vista. Eu cheguei com catorze ano, naquele tempo a gente era muito fraquinho de condição. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

Em outro momento, ela continua:

[...] quando eu morava com meu pai e era dois quilômetro do rio, a gente só ia pra banhar, pegar peixe, essas coisa. Quando nós mudemo pra cá, o rio aqui peixe era... se eu dizer vocês nem acredita, mas eu fiz muitas vezes. Nós tirava uma folhina assim ó (ela arranca uma folha de uma árvore próxima), enrolava ela e enfiava o anzol. Piranha era daquelas que mordida mermo em riba, você jogava as piranha lá fora. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

As falas de Dona Helena demonstram que grande parte das experiências vivenciadas no passado pelos moradores é produto de um modo de viver já amparado pelo curso das águas. Desde pequena Dona Helena já tinha esse contato com o rio por meio de sua família, aprendeu a pescar e a apreciar os momentos no Araguaia, viveu sua infância e a vida adulta às margens do rio e isso incentivou sua vinda à Vitória Régia. Dentro dessa comunidade, ela encontrou outras pessoas que demonstraram o mesmo respeito e ligação com as águas. As casas que possuem porto, uma abertura na mata ciliar que permite o acesso ao rio e o embarque e desembarque de canoas, são vistas de longe para quem vem chegando pelas embarcações. Visualiza-se famílias, com as crianças banhando na água ou brincando nas “beiradas”. A mãe observa, enquanto os demais apreciam o fim de tarde nas calmas ondas do Araguaia. A quantidade de canoas encostadas indica que há visitantes na casa e o rio transforma-se não só em um das principais vias de transporte, mas também no principal ponto de encontro para aqueles que o transitam.

Figura 01 - Rio Araguaia



Fonte: Compilações da autora (30/11/2023).

Como dito anteriormente, os sujeitos que chegaram a essa região vieram, em sua maioria, acompanhados de suas famílias. Dona Helena explica:

Então essa rota aqui era quase tudo famíl... família assim, tudo do mesmo setor e vieram tudo pra cá. E tinha vez que eu cozinhava pra doze homi. “Olha não vamo espaiar não, nós vamo ficar todo mundo só num barraco só”. E isso a gente veio, naquele tempo, né. E aí... e a convivência tá bem hoje, vou dizer, distanciou mais, maize é através desse televisão, jogo, essas coisa. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

Consequentemente, o assentamento foi construído e é ocupado, majoritariamente, por moradores que possuem algum grau de parentesco com seus vizinhos ou que, pelos longos anos de convivência, adquiriram uma forte amizade. Seu Agenor também é um desses moradores. Ele é um produtor rural que trabalha com a criação de gado e a venda de leite para os laticínios. Em sua entrevista ele comenta sobre esses laços que são formados dentro do assentamento:

[...] se eu falar aqui agora: “fulano eu tô aqui com uma vaca atolada, vem cá...”, vem na hora, né? Ele fala assim também [...]: “vem me levar ali que meu menino machucou”, na hora a gente: “vambora...”; a camionete cê leva na Reunidas² que tem o posto de saúde, se não tiver que levar até na rua, a gente vai levar, né? “Não, eu to precisando disso...”. Não tá do meu alcance, eu vou fazer e... (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023)

Percebe-se um sentimento de solidariedade entre essas pessoas, algo implícito, mas recorrente. Não há necessidade de se impor sobre o outro, eles possuem um contrato de relações de amizade e companheirismo. Há aqueles que dividem seus afazeres com vizinhos ou parentes para que mais tarde possam dividir também os lucros. A mandioca é plantada e colhida, os responsáveis levam as sacas para a casa da comadre que possui um barracão e um forno, lá eles podem se sentar uns ao lado dos outros enquanto retiram a casca das mandiocas. Durante esse trabalho, outro vizinho chega. Ele não é mandado embora, muito menos deixado de lado. Se estiver disposto, ele pode até pegar uma faca e ajudar nos afazeres. Mais tarde, as

² Reunidas: assentamento vizinho à Vitória Régia. Também faz parte do Município de Aragominas-TO.

mandiocas serão lavadas e colocadas de molho Os vizinhos combinarão uma data para moer e finalizar o processo da farinha. Quando chegar o tempo, os lucros serão divididos, não se fala no assunto até ser preciso, afinal, todos já sabem como funciona o sistema.

Figura 02 e 03 – Vizinhos e familiares na casa de Dona Ivanilde descascando mandioca para fazer farinha.



Fonte: Compilação da autora (08/11/2023).

Em uma das visitas, conhecemos também Dona Paixão, moradora do assentamento e uma senhora de idade que tem dificuldade em trabalhar sozinha. Quando chegamos a sua residência, bem na hora do almoço, encontramos uma pequena quantidade de pessoas torrando farinha. Ela possuía o maquinário necessário e estava dividindo-o com alguns de seus vizinhos que doaram a mão de obra, tanto na colheita da mandioca, quanto na torrada. Havia no galpão do maquinário: um casal com sua filha e mais um homem torrando a farinha. Todos aguardavam o chamado de Dona Paixão para almoçar, enquanto preparavam também dois peixes que estavam sendo assados em um forno improvisado de tijolo no chão. O peixe e a farinha estão sempre associados e constituem um padrão alimentar da comunidade. Junto a eles, estão também as frutas locais, como o murici, o cupu, a bacaba, o açaí, e a manga. O leite e o queijo também fazem parte desse padrão alimentício. Todos esses alimentos estão vinculados às principais atividades produtivas da comunidade e caracterizam esse modo de viver baseado na troca e valorização dos produtos locais.

Figura 04 e 05 – Vizinhos e familiares assando peixe enquanto torram farinha na casa de Dona Paixão.



Fonte: Compilação da autora (08/11/2023).

Em uma conversa breve com Dona Paixão destacou-se outra atividade produtiva que também fazia parte do seu cotidiano: a produção e venda de polpas de frutas. Por ser uma senhora idosa, Dona Paixão conta que tem dificuldade de arrancar algumas frutas, mas sua vizinha lhe ajuda na colheita e depois elas dividem:

Aqui quando é tempo de cupu, eu tenho uma renda boa de cupu, assim, eu tiro polpa, eu vendo... Tem vez que eu iencho é o frizer de polpa, dou pra vizinha ali, a mulher do Milton que sempre corta cupu aqui pra nós duas, ela corta pra mim mais ela, porque eu não dou conta de cortar só, né. Dá tanto cupu, que ajunto eu e ela cortando cupu, nós não damo conta, nós joga é muito no mato ainda porque nós não damo conta de cortar tudo. (Dona Paixão. *Entrevista n.3*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 06/09/2023)

Isso indica que as relações de vizinhança são constantes e representam muito mais do que uma convivência imposta. Elas constroem uma relação de amizade e companheirismo, onde uma ajuda a outra, apesar das dificuldades. Além disso, as mulheres fazem um acordo onde elas dividem a quantidade de polpa para cada uma, vendem ou doam para outros vizinhos. Esses vínculos são observados em diversos contextos e ambientes, por meio de padrões de experiências que traduzem o modo de viver característico baseado na construção de uma economia moral dentro da comunidade.

Parte da alimentação, como foi dito acima, provém das atividades produtivas locais, como a produção de farinha, a venda de polpas de frutas, da criação de animais de pequeno porte, como porcos e galinhas, a produção de leite, criação de gado e venda de hortaliças. Dentro do assentamento encontraremos dois tanques que armazenam o leite tirado pelos produtores. Um desses tanques fica localizado em uma casa, às margens da estrada principal. A cada dois dias, um caminhão busca o leite para vendê-lo nos laticínios. Esse tanque armazena não só o que é produzido pelo morador da residência, mas também o que é trazido pelos demais. Eles fazem uma simples anotação da quantidade medida em litros e depois o valor é repassado. É comum, de manhãzinha, ver alguns moradores levarem em suas motos, um ou dois galões cheios de leite para depositá-lo no tanque. A carne de caça também é comum na região. É também muito comum que haja a troca desses alimentos. Quando um morador faz o abate de um porco, por exemplo, é certo que ele dividirá a carne com alguns de seus vizinhos. Estes também, em outro momento, retribuirão com alguma saca de farinha, ou com um litro de fava. Essas práticas de trocas e ajuda, representam uma relação de companheirismo e suporte entre os moradores dessa comunidade. Mais dessas interações podem ser presenciadas em festas e reuniões de lazer que ocorrem, geralmente, em campos de futebol.

Figura 06 e 07 – Placa de “vende-se...” e tanque de leite da casa de um morador.



Fonte: Compilação da autora (08/11/2023).

Uma das principais atividades de lazer do assentamento consiste na realização de campeonatos de futebol. Ao andar pelas estradas, identificamos cerca de quatro campos, todos estruturados com traves e três deles gramados. Isso sem contar nos pequenos campos que ficam localizados nos quintais das casas, onde as crianças se divertem com seu passatempo preferido. Existem vários times, todos uniformizados, e os treinamentos ocorrem semanalmente, tanto o masculino, quanto o feminino. Quando é dia de jogo, todo mundo se junta na beira do campo, cada um com sua camisa do seu time preferido. Algumas mulheres vendem geladinho e salgados. O bar mais próximo se prepara para receber os visitantes de outros assentamentos e comunidades próximas, algumas vindas do outro lado do rio. A criançada se junta embaixo de uma árvore para observar seus pais jogarem e se preparam para buscar a bola quando ela sair de campo e eles poderem “tocar de volta”. Nesse momento, todo mundo se conhece, muitos se cumprimentam e contam histórias. Os mais fanáticos gritam em apoio ao seu time, outros, que foram pela euforia, escutam músicas e jogam conversa fora enquanto tomam sua cerveja.

Figura 08 - Campeonato de futebol no campo recém inaugurado, localizado às margens do Rio Araguaia



Fonte: Compilação da autora (11/11/2023).

Outro espaço de entretenimento são as praias que surgem durante os meses de julho e agosto. Durante essa época, as águas do rio Araguaia baixam e os moradores se juntam para construir barracas de palha nas praias, que serão compartilhadas durante toda a temporada. A travessia do rio ocorre por meio das chamadas “voadeiras”³ e algumas canoas de madeira motorizadas. Os vizinhos e familiares dividem o valor da gasolina que será utilizada, além da alimentação e bebida. É comum chegar em uma barraca na hora do almoço e alguém oferecer uma farofa ou um peixe frito, além do convite para sentar na areia e conversar um pouquinho. Há também as festas, normalmente shows de artistas locais que tocam forró e os campeonatos de futebol de praia. As crianças, já acostumadas com o ambiente, brincam, nadam no rio e acompanham essa época do ano com muito entusiasmo.

Diante dessas fortes relações de confiança e amizade, aponta-se o enaltecimento de valores ligados à religiosidade católica e ao “trabalho duro” como os principais impulsionadores desse modo de viver específico da comunidade Vitória Régia. Dentro do assentamento encontraremos diversas igrejas cristãs. No entanto, o que nos chama a atenção é a quantidade de capelas católicas, que se diferencia dos demais assentamentos. São duas: A Capela Nosso Senhor do Bonfim, localizada às margens do rio Araguaia e a Capela São Pedro, construída por iniciativa dos próprios moradores, pois o percurso entre algumas casas e a Capela Nosso Senhor do Bonfim era muito longo. A maioria dos moradores se considera católicos, mas nem sempre acompanham as celebrações semanais. No entanto, a comunidade ainda se reúne nos festejos e missas celebradas pelo padre da paróquia uma vez por mês.

Figura 09 e 10 – Celebração na Igreja Nosso Senhor do Bonfim, às margens do Rio Araguaia.



Fonte: Compilação da autora (30/11/2023).

Segundo alguns moradores, essa proximidade entre a igreja e a comunidade veio se fortalecer com a chegada do Frei Marcos, que defendia uma atuação mais direta dos

³ Voadeira: embarcação movida a motor com estrutura e casca de metal.

moradores dentro das capelas, enfatizando o protagonismo das pessoas. Dona Marcília, por exemplo, que por muitos anos foi professora na escola estadual do assentamento, ao ser questionada sobre esse modo de viver, relata:

Foi a partir... é isso que eu falo, referência do Frei. Porque o Frei veio nos ensinando, tem que viver em comunidade, né? Que até então, a gente só vivia assim, por exemplo: se eu tivesse em Araguaína, missa... Missa pra mim era só eu ir lá e não ia tá dentro de um grupo... Talvez eu não ia ser ministra da palavra, talvez eu não ia tá lá na frente. Ia ser uma coisa normal como era pra mim na adolescência. (ATAÍDES, Marcília Silva de Paula. *Entrevista n.4*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 29/05/2023)

Ao entrevistarmos o Frei Marcos, questionamos o que ele achava que deveria ser modificado nas comunidade quando ele chegou à Paróquia, ele respondeu:

Então, o que eu percebi aqui é que tinha... quase todas as comunidades tinham uma capela, né? Tinham uma estrutura física boa, mas... faltava a questão da formação de líderes e um trabalho de missão que pudesse tá visitando mais as pessoas. Que tava muito numa parte assim muito sacramental, de rezar a missa, fazer batizado, um casamento... mas pouco contato com o povo. Então, a gente priorizou essas duas dimensões, né? de formar. (BELEI, Marcos Antônio. *Entrevista n.5*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 18/07/2024)

Em outro momento, ele continua:

Ir pra fora e trazer [para] dentro da comunidade as pautas da vida do grupo, por exemplo: a questão das escolas, da saúde, né? As dificuldades que o grupo tava enfrentando... Faz parte também da... Não ficar só no ponto de vista religioso, estritamente. Porque o exemplo de Jesus Cristo... que ele andava e se preocupava com a saúde do povo, né? Com a importância... sobretudo, os mais pobres, os excluídos. Então, assim é o modelo da Igreja Católica que a gente inventou aqui, que é baseado exatamente no evangelho, né? Que dá atenção a todo mundo. Unir a religião com a vida do dia a dia. (BELEI, Marcos Antônio. *Entrevista n.5*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 18/07/2024)

O Frei Marcos ficou onze anos na paróquia. Período onde ele criou laços com os moradores, compartilhou e recebeu saberes. Sua formação de Ordem Dominicana e suas próprias vivências o fizeram acreditar que uma igreja se constrói a partir da comunidade e que a solidariedade e a compaixão pelo próximo estão muito além da religião de cada pessoa. Alguns desses valores foram e são repassados pelos moradores do assentamento, principalmente pelas lideranças que se formaram após a transferência do Frei, pois seu intuito era fazer com que os próprios moradores fossem os responsáveis pelas ações da comunidade e a organização das capelas.

Os moradores do Assentamento Vitória Régia possuem uma cultura e um modo de viver específico, isso é identificado pelo compartilhamento de um mapa conceitual semelhante entre os sujeitos que vivenciam suas experiências a partir de valores compartilhados, atribuindo sentido a sua realidade por meio da representação. Esse processo acontece em vários contextos, sejam eles sociais, políticos, econômicos ou religiosos. Em um

desses contextos analisamos a construção de uma identidade ribeirinha dentro do assentamento, que ocorre de maneira não linear, onde cada sujeito possui suas especificidades, mas que ainda compartilham um mapa conceitual vinculado aos modos de viver da comunidade.

3.1. CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE RIBEIRINHA DENTRO DO ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA

Se fecharmos os olhos conseguiremos escutar o barulho do motor que direciona o barco ficando mais alto, o sol do meio dia, que queima a pele, nos envolvendo com mais intensidade, os pingos de água triscando nosso corpo como agulhas geladas que tentam amenizar o calor, às vezes, perdemos a paciência e enchemos as mãos em concha de água e a jogamos no rosto. Quando avistamos as margens, localizamos inúmeras árvores que já se acostumaram com a umidade em seus pés, enxergamos também pequenos espaços de terra que revelam os portos de algumas casas. Lá aparecem crianças que brincam às margens do rio, mulheres que lavam suas roupas ou “ticam”⁴ seus peixes, enxergamos também canoas com suas redes de pesca e acenamos para os conhecidos que estão sobre elas. Tudo isso a partir de um simples passeio subindo o rio Araguaia, que traduz as relações entre a natureza, as pessoas e a comunidade como um todo. Esses relacionamentos atuam na construção de uma identidade ribeirinha no assentamento, que observamos a partir das falas e modo de viver dos moradores da Vitória Régia.

Para iniciarmos a discussão acerca de uma construção identitária ribeirinha, é necessário um esclarecimento sobre “ribeiridade”. Essa expressão designa um modo de viver específico de grupos de sujeitos que vivem às margens dos rios. Indo além, Neto e Furtado (2015) atribuem ao termo ribeirinho:

um perfil sociocultural de grupos caboclos que se estabeleceram às margens dos rios, num espaço dinâmico que articula a relações de sociabilidade e culturais dentro das particularidades desse espaço, onde a marca dessa configuração pode ser vista nos comportamentos, na maneira de viver, em sua alimentação, nas crenças, em sua religiosidade etc., específicos daquele espaço.

Desse modo, o “ser ribeirinho” está de fato ligado às águas e à forma como os sujeitos atribuem significado à elas. No entanto, ele vai adiante, pois envolve as relações de sociabilidade, as atividades econômicas e religiosas, os alimentos consumidos e o comportamento de cada pessoa.

O sujeito que vivencia suas experiências a partir da própria consciência e da cultura a qual está inserido, atribui sentido à sua realidade vivida dando início à uma

⁴ Prática de “limpar” o peixe, fazendo cortes em sua espinha para ajudar na hora de comê-lo.

construção identitária. Esse processo está relacionado à formulação de identidades, no qual os significados são atribuídos às coisas, ocorrendo por meio do sistema de representação. Hall (2013) explica:

[...] nós concedemos sentidos às coisas pela maneira como as representamos - as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos.

Dessa forma, entende-se que a identidade pode ser desenvolvida a partir das trocas e experiências vivenciadas, mas, principalmente, pela formulação da diferença, onde elas são “nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2014). Sendo assim, os moradores da comunidade estão sempre reformulando suas identidades a partir do contato com outras pessoas, do seu contexto diário e da sua relação com o ambiente e a natureza.

O assentamento Vitória Régia, como dito anteriormente, é rodeado por dois rios, sendo um deles um rio Estadual, conhecido como Rio Murici e o outro sendo o Rio Araguaia. Dentro do assentamento encontra-se uma única Associação de pescadores, fundada em 2005. Aqui vale destacar que a colônia não aceita o cadastro de pessoas que pescam no Rio Murici, pois é proibida a pesca profissional em rio Estadual. Dessa forma, apenas os pescadores do Araguaia podem ter uma ficha na Associação. Além disso, tanto homens quanto mulheres podem ser associados. Dona Helena em sua entrevista relata:

O rapaize que vei fazer uma... ele é não sei o que da pesca, ele veio fazer uma palestra pra nós. Ele falou só em nós pegar, as mulhere, pegar o peixe pra pelar, tirar o fato quando o marido chega, já é uma pescadora. Não é... você pra ser pescador, não carece cê só ta com a rede. Vocês dois, é o homem e a mulher. O homem vai pescar, chegou, entregou, porque ele tá cansado, e a mulher já vai cuidar do peixe. Ela é pescadora também. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

Isso implica um fortalecimento da identidade dos moradores da Vitória Régia, pois um ribeirinho não se molda a partir e unicamente da pesca, mas de toda uma relação com o rio e a sociedade em que ele está inserido. A atividade pesqueira, por exemplo, vai desde a pescaria, a limpeza, a venda e o consumo do peixe e, sobretudo, dos conhecimentos adquiridos ao longo de todo o processo. No entanto, essa construção identitária não ocorre da mesma forma com todos os moradores. O Seu Agenor, por exemplo, ao ser questionado sobre ele ser ribeirinho ou não, responde:

Não, porque, na verdade, a gente, aqui, não sei. Porque a gente fala os ribeirinho, mas geralmente, é aquela pessoa que tá lá na beira e mais também os que pesca, né? eu não sou de, de pescar, não. Nunca fui de... Então, eu considero assentado, mas não ribeirinho, né? (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023)

Apesar disso, o Seu Agenor, produtor de leite, e sua esposa Marcília, professora, continuam morando em um assentamento ribeirinho, imbuído em atividades relacionadas ao curso do rio, como a pescaria, o transporte de pessoas e o turismo das praias. Até sua alimentação, que ele descreve durante a entrevista, é baseada na pesca e em frutas locais:

Então tem essas fruta, tem o coco da praia, né? Então tem muita coisa. Cê tem o leite aqui, né? Então, muitas coisas aqui... peixe cê compra ali. Eu não sou pescador, mas os pescador ali, que vive pescador, Mas cê compra um peixe mais barato, né? Tem esse lado aí, né? As coisa por esse lado aí, fica mais fácil do que se fosse na cidade. (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023)

Dessa forma, ao descrever os conjuntos de práticas e relações baseadas no curso do rio, encontraremos dentro desse assentamento uma comunidade ribeirinha diversificada, formada por vários grupos de sujeitos que trabalham a partir de diferentes meios de produção, mas que ainda assim continuam sendo afetados pelo curso das águas. Isso reafirma a ideia de uma construção identitária que ocorre a partir de suas experiências vivenciadas e das trocas entre os grupos. No entanto, é importante lembrar que essas identidades ainda estão sendo construídas e precisam ser firmadas pelos moradores, como é o caso do Seu Agenor, que possui as práticas e as vivências de um, mas ainda não se considera ribeirinho.

4. - CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E SUA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FORMAL DO ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA

As escolas Estadual e Municipal estão localizadas na Vila da Vitória Régia, às margens do Rio Araguaia. Muitas crianças moram na vila, mas a maioria pega o ônibus escolar que passa todos os dias nas residências mais afastadas. Por ser uma área rural, as casas ficam distantes da estrada principal, o que faz com que as crianças e adolescentes tenham que percorrer um trajeto a pé ou de moto até chegarem no ponto de ônibus. De manhã, eles levantam às 05:00 horas, tomam seu café e iniciam sua rotina. Os mais novos vão correndo na frente, passam por baixo da cerca e tentam subir na porteira, os mais velhos vão andando, conversando sobre o jogo de futebol do último domingo ou da festa após a vitória. Quando o barulho do motor ressoa na estrada, todos se organizam para subir. Dentro do automóvel é

uma zorra, eles gritam, brincam, e outros, é claro, tentam dormir antes de chegarem ao seu destino.

A escola é do Município (Educação Infantil - E. Fundamental I), mas as salas são divididas com os estudantes do Estado (E. Fundamental II - E. Médio). A estrutura é igual a todas as outras, mas o espaço é cercado por árvores e não há necessidade de portões na entrada. Há um vigia, no entanto, os alunos não são proibidos de saírem na área externa da Escola. Como dito anteriormente, há um longo período entre a saída do aluno de sua casa e o início da aula, fazendo com que a rotina educacional dele não seja restrita apenas à sala de aula. Nesse tópico iremos analisar o ambiente escolar dessa comunidade ribeirinha, as suas distintas formas de saberes e como eles podem e devem ser inseridos na educação formal do assentamento.

Como expressado, os moradores da Vitória Régia possuem um modo de viver singular, apoiados em uma Economia Moral e com processos de sociabilidade específicos. Diante disso, como analisado no tópico “MEMÓRIA E A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS”, essas especificidades são transmitidas a partir da memória individual e coletiva, fazendo com que os mais jovens recorram aos ensinamentos dos mais experientes, reproduzindo seus valores e propagando seus modos de vida. Dona Marcília, professora do assentamento a 15 anos, narra:

Eu acho bom, assim, que eles escuta muito, sabe? os meninos, pelo menos do Ensino Médio, os pequenininho também, eu tenho o maior carinho com eles. Mas aí depois que a gente passou para o Ensino Médio, a gente ensina a questionar, né? Não ficar calado, ficar... Ele tá vendo aquele trem, só que ele não sabe as normas, então a gente ensina como eles ir atrás dos direitos deles. “Vocês têm direito a isso...”, porque tem, né? (ATAÍDES, Marcília Silva de Paula. *Entrevista n.4*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 29/05/2023)

Dentro da comunidade os estudantes estão sempre em contato com seus professores, com os funcionários da escola e com os demais colegas. Isso ocorre por conta das relações de amizade e demais processos de sociabilidade dentro do assentamento. Dona Marcília, por exemplo, nos conta que muitos de seus alunos são seus afilhados e lhe pedem a “bença”⁵. Em outro momento, ela continua:

Mas, assim, aí na escola eles também já me falam como mãe (risos), não sou nem professora, eles diz que eu sou é mãe. Até a diretora mesmo, ela falou: “Marcília, tu é mãe de todos”, porque tu fica se preocupando com as coisas...”. Porque a gente quer ver as coisas andar, né? (ATAÍDES, Marcília Silva de Paula. *Entrevista n.4*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 29/05/2023)

⁵ Ato de benzer, de abençoar, de invocar a graça divina sobre alguém; Empregada para abençoar os mais novos. Também é considerado um sinal de respeito para com os mais velhos.

Diante dessas fortes relações dentro e fora da instituição escolar, identificamos processos de ensino e aprendizagem em todos os âmbitos dessa comunidade. Processos esses que exemplificam o diálogo constante entre os vários tipos de educação, promovendo uma socialização dos saberes. Brandão (1982) explica:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

Isso revela um contexto onde os alunos aprendem não só com o professor, mas dentro de suas casas, com seus pais e seus avós. Da mesma maneira, eles podem muito bem ensinar aos mais velhos ou trocar conhecimentos entre si. A educação está dentro do contexto social e torna-se uma ferramenta poderosa de manifestação cultural. Além disso, o ambiente onde os estudantes estão inseridos, seja ele o rio, o campo de futebol, a escola ou o quintal de casa, passa a ser o palco onde irão vivenciar suas experiências e compartilhar seus saberes e modos de vida. Brandão (1982) conclui:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante.

Ao ser questionado sobre o contexto educacional dos mais jovens e como isso pode influenciar o seu modo de viver, seu Agenor nos diz que:

Eu falei assim: “O dia que nós velho morrer, não vai ter mais ninguém na zona rural, até porque não vai sobrar ninguém que sabe montar em um cavalo, nem que sabe tocar um gado, nem que sabe dividir...” . Eu já... no caso, o meu filho, já seguiu. Que é o mais velho. Ele não, ele sabe montar num cavalo, ele sabe apartar um gado, ele sabe vacinar, ele soube... Mas, é raro alguns filhos desses que queira seguir isso. E eu, isso que os senhor falou, eu já pensei nisso. Falei né, é poucos que vão dar sequência. E a gente teme isso aí acontecer. (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023)

Ele teme que os saberes ligados ao campo, os valores e ensinamentos repassados pela família sejam esquecidos. E se nada for feito, os mais jovens perderão os laços com sua cultura e sua família. Isso se dá pelo grande número de adolescentes que saem do assentamento em direção à cidade com o objetivo de “crescer na vida”. A maioria chega aos centros urbanos, não com a intenção de frequentar um curso superior, mas sim de conseguir um emprego. Sem uma formação para determinada área e com a dificuldade de se habituar em novos ambientes, eles acabam encontrando serviços com uma péssima remuneração. A saudade da família e do lar, o desespero de morar em uma casa fechada, sem quintal ou ventilação e o trabalho desgastante fazem com que esses jovens fiquem cada vez mais deprimidos, pois foram acostumados a viver no campo, na natureza e em comunidade. Dessa forma, seu Agenor conclui sua fala com um desejo:

[...] a escola deveria começar a olhar por esse lado aí, porque se continuar desse jeito, eu acho que daqui a... daqui um tempo, não tem ninguém no campo que queira tocar nada não. (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023)

Conversando com dona Marcília, que foi professora da rede Estadual e formou grande parte dos jovens que vivem no assentamento, ela nos conta que já estão ocorrendo projetos que buscam incentivar a valorização dos conhecimentos locais dentro da instituição escolar:

Então assim, a gente abre as portas porque a gente quer ver uma mudança, né? No caso dessa “Bacia Leiteira”, não é projeto meu, é projeto do professor lá, né? Mas eu sinto que os alunos precisa ver algo diferente. E a nossa escola, é Escola do Campo, né? Ela... antes não era, agora na Reunidas, ela é a Sede, né? Então passou a ser Escola do Campo. Então, ela é nova, tá começando. (ATAÍDES, Marcília Silva de Paula. *Entrevista n.4*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 29/05/2023)

Esse projeto consistia em levar os estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Vitória Régia e alguns alunos do Ensino Médio da Reunidas para a casa de um dos moradores do assentamento, assim, eles trocariam saberes com os próprios vizinhos e conhecidos.

Figura 11, 12, 13 e 14 – Projeto “Bacia Leiteira”



Fonte: Compilação da autora (21/11/2023).

Todo o esforço da comunidade para que os conhecimentos tradicionais sejam compartilhados e valorizados em sala de aula exemplificam os laços de amizade e companheirismo entre os moradores desse assentamento, que possuem um modo de viver específico, mas estão sempre abertos para o diálogo com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo analisamos algumas das falas de dois moradores dessa comunidade. Seu Agenor e dona Helena comentam sobre sua infância e a vida na roça. Grande parte dessas vivências se relacionam e são expostas a partir da memória individual de cada um. Além disso, com base nas discussões feitas por Halbwachs (1990), percebe-se que ambos utilizam elementos da memória coletiva para complementar suas falas. Isso revela que ao descrever momentos já vivenciados, os entrevistados utilizam informações de vários contextos e épocas vividas, além de elementos do presente e circunstâncias experimentadas por outras pessoas. Ao fim desta discursão, percebe-se em suas falas uma valorização dos saberes tradicionais partilhados por seus familiares. Tal informação exemplifica a forma como a memória e a oralidade são utilizadas na manutenção e troca dos conhecimentos dentro da comunidade.

Além disso, no segundo capítulo, destacamos a presença de um modo de viver específico dos moradores do assentamento Vitória Régia, com processos de sociabilidade construídos a partir de uma consciência moral e afetiva. Destacando-se também a presença de uma Economia Moral, identificada a partir da análise dos padrões de experiência que traduzem esse modo de existir. Ao analisar esses padrões, e a partir das falas dos sujeitos entrevistados, identificamos alguns possíveis agentes que inspiraram, de forma significativa, as práticas e costumes da comunidade. São eles: 1. As fortes relações de amizade e parentesco, construídas desde a ocupação do assentamento; 2. A influência de valores religiosos, ligados à religiosidade católica, principalmente após a chegada do Frei Marcos; 3. O enaltecimento do “trabalho duro”, que considera o trabalhador do campo imbuído de valores morais, como a humildade, a coragem e a honestidade.

Por último, retornamos a discussão sobre a troca de conhecimentos dentro do assentamento e como os saberes tradicionais dessa comunidade podem e devem ser inseridos na instituição formal de educação. Parra isso, utilizamos como suporte algumas das discussões realizadas por Carlos Rodrigues Brandão, que traduz a educação como uma ferramenta de manifestação cultural, que ocorre em vários contextos e condições, pois não existe apenas uma única forma de ensino. As pessoas dialogam e compartilham saberes a partir do ambiente que elas estão inseridas, dessas a forma, a escola passa a ser apenas mais um dos espaços de aprendizagens, com os moradores da comunidade tornando-se os principais responsáveis por essa socialização dos saberes.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In BRANDÃO, C.R. & STRECK, D.R. (Eds), **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006. p. 2 – 30.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação? Educações: aprender com o índio. In: **BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 1-9.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84, set/nov 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas . **Ensaio: aval. pol. públ.** Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, S.. **Cultura e Representação**. 1º Ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HALL, S.. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, T. T. (Org)., HALL S. e WOODWARD K.. **Identidade e Diferença**. 15º Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 103-130.

NETO, F. R.. FURTADO, L. G.. A ribeirividade amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de campo**, São Paulo, n.24, p. 158-182, 2015.

PERAZZO Priscila F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. In: **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015.

PORTELLI, Alessandro. História Oral: Uma relação dialógica. In: PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte de Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9-25.

THOMPSON, E. P.. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P.. O Termo Ausente: Experiência. In: THOMPSON, E. P.. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. 1º Ed. São Paulo: Monsanto editora gráfica Ltda, 1981. p. 180-200.

THOMPSON, E. P.. Padrões e Experiências. In: THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa II: A Maldição de Adão**. 4º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 179-224.